



CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



A concepção do ser mulher em Edith Stein: Eva, Maria e o Feminismo Católico

The conception of being a woman in Edith Stein: Eve, Mary and Catholic Feminism

Nome Higor de Souza Mendes ^[a]

Campinas, SP, Brasil

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Como citar: MENDES, Higor de Souza. A concepção do ser mulher em Edith Stein: Eva, Maria e o Feminismo Católico.

Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 10, n. 1, p. 05-15, jan./jun, 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.10.01.p5-15>

Resumo

Edith Stein foi a segunda mulher doutora em filosofia na Alemanha, enfrentou na pele as dificuldades de ser mulher, tenta entrar na cátedra da universidade, contudo, é rejeitada, logo que na época não era comum uma mulher lecionar no ensino superior. Foi discípula de Edmund Husserl, o conheceu através da obra *Investigações Lógicas* como observado na sua autobiografia. É inegável a influência da mãe na sua formação e na sua visão acerca da mulher e do ser mulher. Stein após conhecer a obra de Husserl decide de mudar de Breslávia para Gotinga. Converte-se ao catolicismo no ano de 1921 ao ler o *Livro da Vida* de Teresa d'Ávila. Esses dois polos, a mãe e a religião, alicerçam e direcionam a sua visão acerca da mulher. A presente produção pretende demonstrar justamente a visão da autora acerca da mulher, tendo como base principal o livro da própria autora, *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça* e o auxílio de alguns textos, bem como a importância de Maria não apenas como mãe de Deus, mas também como mulher.

Palavras-chave: Mulher. Feminismo. Maria. Eva. Cristo.

Abstract

^[a] Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, licenciado em História pela Faculdade IBRA e mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Orcid: <0009-0006-8810-8607>, e-mail: higorsouzamendes07@live.com

Edith Stein was the second woman to earn a doctorate in philosophy in Germany. She faced the difficulties of being a woman firsthand and tried to gain a university position, but was rejected, since at the time it was not common for women to teach in higher education. She was a disciple of Edmund Husserl, and met him through his work Logical Investigations, as noted in her autobiography. Her mother's influence on her education and her view of women and being a woman is undeniable. After learning about Husserl's work, Stein decided to move from Wroclaw to Göttingen. She converted to Catholicism in 1921 after reading The Book of the Life of Teresa of Ávila. These two poles, her mother and religion, underpinned and guided her view of women. This production aims to demonstrate precisely the author's vision about women, having as its main basis the author's own book, *The Woman: Her Mission According to Nature and Grace* and the help of some texts, as well as the importance of Mary not only as the mother of God, but also as a woman.

Keywords: *Woman. Feminism. Maria. Eve. Christ.*

“A mulher que cumpre da maneira mais pura a sua vocação feminina é aquela que leva Cristo para todo lugar e que desperta em todo lugar o amor a Cristo”

Edith Stein

Introdução

Edith Stein nasceu em 12 de outubro de 1891 no dia do Grande Perdão (Yom Kippur) na liturgia judaica. Filha de Auguste e Siegfried Stein, a família possuía um negócio de madeira. Após a morte do marido a mãe assume os negócios, fato esse que influenciará profundamente a visão da autora naquilo que se refere à mulher e seu papel na sociedade. Foi entre o verão de 1912 e 1913 que ocorre o primeiro contato com a fenomenologia através da obra de Edmund Husserl, *Investigações Lógicas*, decide se mudar imediatamente para Gotinga, tornando-se sua discípula e assistente (STEIN,2018)¹. Sofreu na pele a dificuldade de uma mulher no campo acadêmico, sua tese de doutorado *Sobre o Problema da Emparia* é uma de suas obras mais conhecidas, assim como *Ser Finito e Ser Eterno* e *Ciência da Cruz: Estudos sobre São João da Cruz*.

Foi a segunda doutora em filosofia na Alemanha, a primeira foi sua amiga e madrinha Hedwig Conrad-Martius, é justamente na casa da amiga que no ano de 1921 ao ler o *Livro da Vida* de Teresa d'Ávila acaba por se converter ao cristianismo. Consequentemente a sua visão acerca da mulher já demarcada por suas vivências familiares e pessoais, acaba por se ampliar, tendo em mente a sua forte ligação com o cristianismo, haja vista que depois de sua conversão acaba por entrar no Carmelo. Em 9 de Agosto de 1942 é morta juntamente com sua irmã Rosa e diversos outros judeus nas câmaras de gás de Auschwitz-Birkenau.

De 1922 à 1930, Stein ensina Letras e Cultura alemã no Instituto Santa Madalena das irmãs dominicanas de Spira. É nesse período que desenvolve uma intensa atividade de conferencista pela Alemanha e alguns países do exterior. No ano de 1931 sai de Spira para tentar a livre docência na Universidade de Freiburg e de Breslau, contudo, não consegue². Entre os anos de 1926 à 1931 realiza conferências por toda a Europa acerca do papel e da formação das jovens e das professoras, principalmente no âmbito cristão católico, tendo como foco a formação da mulher, que até o momento possui quase ou nenhuma dignidade.

De acordo com Ales Bello, no ano de 1932:

¹ Para mais informações sobre a vida de Stein recomenda-se a leitura da sua autobiografia *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos* (2018) publicada pela editora Paulus. Além da biografia escrita por Elisabeth de Miribel, *Edith Stein: Como ouro purificado pelo fogo* (2001), publicado pela editora Santuário.

² As informações foram retiradas das notas biográficas presentes na obra *Edith Stein: a paixão pela verdade* (2014) de autoria de Angela Ales Bello, p.119-120.

[...] Edith Stein, não tendo conseguido a Livre Docência nem em Freiburg, nem em Breslau, e vendo fechada a via para a carreira universitária, aceitou o magistério no Instituto Superior de Pedagogia Científica de Münster [...]. Aquele período foi fortemente caracterizado pelo duplo interesse pela pesquisa filosófica, foi fortemente caracterizado pelo duplo interesse pela pesquisa filosófica, que sempre cultiva com grande empenho, como também pela atividade de conferencista, que lhe possibilitava enfrentar questões de caráter social e cultural. A segunda atividade que a tornou conhecida de um vasto público, está documentada especialmente num livro que recolhe os ensaios sobre a condição feminina, *A mulher- o seu papel segundo a natureza e a graça*, obra que já citamos. O seu ponto de vista extremamente moderno, embora sempre equilibrado, se reveste de notável importância para o encaminhamento da questão da mulher e mereceria ser mais conhecido (Ales Bello, 2014, p.36);

A história feminina naquilo que corresponde ao final do século XIX e início do XX é demarcada por uma cultura machista e misógina. Os movimentos feministas foram um dos grandes responsáveis pela promoção de pesquisa no que tange as questões acerca da mulher e as problemáticas do mundo contemporâneo. O século XX foi o palco de intensas *batalhas* da promoção e garantia dos direitos femininos, melhores condições de vida e no campo trabalhista. No entanto, é preciso salientar que a luta não se restringiu apenas a esses aspectos, um dos pilares fundamentais foram os movimentos feministas políticos, responsáveis pela promoção e discussão sobre a igualdade entre os gêneros, bem como uma crescente participação da mulher na esfera sociocultural. Temos exemplos de várias filósofas “Simone de Beauvoir, Hannah Arendt, Simone Weil, Hedwig Conrad-Martius, Maria Zambrano e Edith Stein” (ALES BELLO; BREZZI, 2001, p.39-40 apud PERETTI, 2011, p. 190).

São pensadoras como as citadas acima responsáveis por abrir o caminho para que a mulher até então vista apenas como mãe, se lançasse nas águas turbulentas da academia e da política, o voto feminino é visto em nossa época como algum comum, ao ponto de pensarmos que sempre foi assim. No entanto, nos recordemos que na Grécia Antiga, conhecida como a mãe da democracia, somente os homens maiores de idades e que fossem cidadãos possuíam direito ao voto, logo mulher, criança e escravo não eram vistos nem como mero cidadão, quem dirá possuisse algum direito. O barco lançado ao mar não deve retroceder, antes avançar nas mais diversas águas, transpondo novos horizontes, Stein é um dos lemes que nos conduz a essa reflexão mais profunda, a vida e a convivência familiar moldaram o caráter da autora e assim a sua visão de mundo.

Entre 1928 à 1933 Stein defenderá de forma enfática em suas conferências a entrada e participação ativa das mulheres na esfera do Estado, assim como na sociedade. A autora não se limita apenas ao campo da reflexão, participou ativamente de diversos movimentos e associações, posicionando-se a frente dos paradigmas referentes a mulher. Da Páscoa de 1923 à Páscoa de 1931 atuou como docente no Liceu e na escola Magistral das Dominicanas de Santa Madalena de Spira. Nesse período realiza diversas conferências acerca do papel e da vocação da mulher e do homem, assim como temas relacionados a Tomás de Aquino. Devido ao crescente antisemitismo na Alemanha acaba por se distanciar do ensino, dando sua última aula no dia 25 de fevereiro de 1933 (PERETTI, 2011).

No ano de 1931, deixa a escola das dominicanas, para tentar mais uma vez uma cátedra na universidade, contudo é novamente rejeitada, logo que na época não era comum as mulheres lecionarem na Universidade. “Mas, em 1932, Edith Stein é convidada a lecionar no Instituto de Pedagogia científica de Münster, um instituto de referência na formação de professores para toda a Alemanha. E é dada a ela a tarefa de se ocupar especialmente da formação feminina” (PARISE, 2024, n.p.).

Os escritos de Stein referentes a sua visão acerca da mulher se encontram principalmente na obra *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, que correspondem as suas ideias como conferencista. Para Ales Bello (2014) a tese que Stein defende na obra é a de que é impossível compreender o papel da mulher sem levar em consideração as características que a definem, assim como ao homem, o que a levará a delinear as funções do homem e da mulher na sociedade. A pretensão aqui ao trazer a obra de Stein como objeto principal é a de apresentar a visão da autora

acerca do tema, sem, no entanto, emitir um juízo definitivo ao assunto. É evidente que a discussão aqui tratada é de suma relevância, a situação da mulher em nossa sociedade hoje é melhor do que a do período de Stein, contudo, se encontra distante do ideal, os desafios continuam. A autora não trabalha as nuances da discussão apenas num plano teórico, mas a partir de suas próprias vivências lança luz à discussão, sempre permeada pelo cristianismo, mas também da fenomenologia e do rigor que tal método exige.

A vocação natural da mulher

Tanto o corpo quanto a alma da mulher possuem uma finalidade específica, na Escritura está claro que o destino da mulher é ser companheira do homem e mãe dos humanos, para o cumprimento dessa missão está preparado o seu corpo, bem como a sua peculiaridade psíquica. Nessa perspectiva se faz necessária uma alma diferente. “A atitude da mulher tem em vista o *pessoal-vivente* e visa o *todo*. Cuidar, velar, conservar, alimentar e promover o crescimento: esse é seu desejo natural, genuinamente maternal” (STEIN, 1999, p.57). Eva é considerada na narrativa do Gênesis a mãe da humanidade, toda mulher possui em si a potência de mãe e por conseguinte da maternidade, cada vocação portanto pressupõe condições necessárias ao seu cumprimento.

Qual a imagem que Maria exerce sobre a mulher?

A imagem da mãe de Deus nos revela a atitude fundamental da alma que corresponde à vocação natural da mulher: obediência para com o marido, confiança e participação da vida dele colaborando com suas tarefas objetivas e com o desenvolvimento de sua personalidade; em relação ao filho: vigilância confiante, incentivo e promoção dos dons que Deus lhe deu; em relação a ambos: entrega desinteressada e afastamento discreto quando sua presença é dispensável. Tudo isso fundamentado na convicção de que o casamento e a maternidade constituem uma vocação que vem de Deus e que deve ser exercida por obediência a Deus e sob a orientação divina (Stein, 1999, p.60).

Maria é aquela que diante do Arcanjo Gabriel acolhe a vontade do Pai e se faz humilde serva do Senhor, submetendo-se, portanto, ao plano salvífico. Nesse ponto a obediência de Maria e a prontidão não servem apenas como um arquétipo às mulheres, mas a todo aquele que se coloca frente à vontade divina, pois se toda vocação vem de Deus, desta forma, não seria diferente com a mulher.

A inserção da mulher nos diferentes setores profissionais (particular e público) são meios por meio dos quais benefícios serão alcançados, no entanto, existe uma condição: o respeito aos aspectos específicos da ética feminina. Nesse ponto Stein (1999) se utiliza da mãe de Deus como um exemplo de um caminho seguro a ser seguido, a reflexão se dá a partir do episódio das bodas de Caná (Jo 2, 1-12): perante a cena que se desenrola, observamos Maria, que no seu silêncio percebe a falta de vinho. Antes que o problema venha à tona, ela o percebe e o soluciona. É ela que encontra os meios necessários e dá as instruções, tudo isso de forma discreta. É justamente ela o modelo feminino na atividade profissional, independentemente de onde esteja, cumpre de forma plena as exigências que lhe são cobradas, sem esperar o reconhecimento ou os holofotes.

De acordo com a autora:

Resumamos: uma verdadeira profissão feminina é aquela em que a alma feminina alcança seus direitos e que possa receber a sua forma pela alma feminina. O princípio formador íntimo da alma feminina é o amor que brota do Coração Divino. A alma feminina obtém esse princípio formador por meio da mais estreita ligação ao Coração Divino numa vida eucarística e litúrgica (Stein, 1999, p.70).

No entanto, faz-se imprescindível aprofundar em tal reflexão, pois é justo que a profissional exerça o seu papel em plenitude, tendo em vista a imersão da sociedade atual na meritocracia e na necessidade constante de reconhecimento, o que pode desembocar em certo narcisismo. Contudo, ainda que hoje, a mulher tenha conquistado o seu espaço na sociedade, o real permanece distante do ideal, nesse tocante o reconhecimento de determinadas mulheres no campo de trabalho são esteios para aquelas que iniciam a aventura na carreira profissional, são exemplos reais de superação. As conquistas alcançadas se devem justamente a tantas profissionais que por meio de sua vida e testemunho radical lutaram para que tais melhorias passassem de uma opção a um dever legal. Cabe dizer aqui que a meritocracia prepondera na sociedade moderna, o que acarreta em disputas que transcendem o campo daquilo que é saudável e se tornam uma *patologia social*, o utilitarismo.

A queda e a redenção

Eva foi seduzida pela serpente e levou assim também o homem ao pecado. Adão ao ser inquirido por Deus atribui à mulher a culpa pelo seu erro, ao afirmar que a mulher que Deus lhe dera foi quem lhe deu da árvore, na fala de Adão fica implícita a acusação de que Deus fora o culpado pelo seu erro, haja visto que foi o Criador que lhe deu Eva por mulher. “O castigo pela desobediência é a perda do domínio absoluto sobre a terra e a disponibilidade das criaturas menos nobres, a luta dura pelo pão de cada dia, as dificuldades do trabalho e a pobreza do seu fruto” (STEIN, 1999, p.77). A expulsão do paraíso é precedida por uma promessa de Deus “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Ge 3, 15). Comumente a passagem do Gênesis é interpretada com relação a Maria e a encarnação do Verbo, o que, no entanto, não exclui outra interpretação, a de que todas as mulheres a partir de Eva (mãe de todos os viventes) são convidadas por Deus a lutarem contra o mal (STEIN, 1999).

Se por meio de Eva a humanidade decaiu no pecado e assim fora expulsa do paraíso, por meio de Maria, a nova Eva veio ao mundo o verbo encarnado, o próprio Deus se faz homem e por meio d'Ele a nova e eterna aliança é realizada, em Cristo nos tornamos filhos de Deus, filhos no filho, reconectando-nos com o Criador, já não se deve temer a morte. No cristianismo, em especial no catolicismo, a Virgem Maria é figura central no plano da salvação, por meio de Jesus somos adotados como filhos e Maria torna-se por excelência a mãe de toda a humanidade “Mulher, eis aí o seu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí a sua mãe” (Jo 19, 26-27).

A vocação originária do homem e da mulher é deturpada devido a sua desobediência, num primeiro instante a missão confiada a eles era a de preservação da sua imagem semelhante a Deus, de dominação da terra e da propagação da humanidade. No entanto, após a queda, a relação de ambos sofre uma mudança, de uma união de amor se converte em dominação e subordinação. Ao homem é dada a missão de lutar pela subsistência e a mulher a de parir. Contudo é por meio da mulher que nos virá a redenção:

A redenção pretende restabelecer a ordem original. A *superioridade do homem se revela no fato de o redentor vir à terra em forma de homem*. O sexo feminino ganha sua nobreza pelo fato de o redentor nascer de uma mãe humana, *uma mulher é a porta pela qual Deus entra no gênero humano*. Assim como Adão foi um modelo do futuro rei divino e humano assim todo homem deve tomar Cristo como modelo no reino de Deus e imitar na união conjugal a solicitude amorosa de Cristo pela Igreja; a mulher deve honrar no esposo a imagem de Cristo subordinando-se livre e amorosamente a ele e ser ela própria uma imagem de Nossa Senhora. Isso significa ao mesmo tempo que ela própria deve ser imagem de Cristo (STEIN, 1999, p.87).

Na visão de Stein, tomando as suas concepções da Igreja, seria Maria o modelo, o arquétipo da mulher ideal, diferindo-se daquela que se deixa levar pelos instintos, distanciando-se assim dos seus deveres de maternidade, assim como o homem de sua paternidade. A mulher que prende os filhos a si impossibilita a liberdade de crescimento, sendo, pois, moldado por seu desejo egoísta, buscando apenas a sua autofelicidade. A raiz do mal está na perversão do relacionamento com o Criador, assim como constatado na queda de Adão e Eva. Na nova aliança, o ser humano passa de um ser passivo a um agente ativo do projeto salvífico por meio da união pessoal e profunda com Cristo através da fé, da meditação, da Eucaristia e da Igreja. Nesse caminho de salvação não existe distinção entre os sexos. “Cristo introduziu a salvação na humanidade como uma semente que precisa crescer junto com o crescimento da Igreja e em cada alma particular” (STEIN, 1999, p.95).

Pertencer e servir a Deus não é algo exclusivo de alguns, é um convite de todo cristão, sejam eles pertencentes ao sacramento da Ordem ou não. Seja homem ou mulher todos são chamados a imitarem a Cristo. A imitação do Salvador leva o ser humano ao desenvolvimento de sua vocação originária: “[...] ser imagem de Deus, do Senhor da criação, protegendo, preservando e promovendo todas as criaturas [...]” (STEIN, 1999, p.103).

É interessante notar que Deus em sua misericórdia atua na humanidade por meio do mesmo humano que livremente se aparta da sua presença. O convite ao retorno não é algo exclusivo de determinado grupo, mas de todos aqueles que aderem livremente a verdade anunciada por Cristo, “Vão pelo mundo todo, proclamem o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15), é este o mandato de Jesus aos seus discípulos. A verdadeira vocação do cristão é configurar-se a Cristo, no amor, pelo amor e com amor, ser servo e testemunha, o mandamento maior é obedecer a Deus e amar ao próximo, só quem ama é capaz de conhecer a Deus, visto que é ele mesmo o Amor.

A missão da mulher

Stein viveu em sua vida os acontecimentos dramáticos de seu tempo, as duas guerras mundiais e as transformações culturais e sociais. De acordo com Ales Bello, “não é possível compreender [sua história de vida] sem considerar este pano de fundo, [...] os eventos do seu tempo não foram passivamente vividos por ela, mas incitaram tomadas de posição de um ponto de vista moral e social” (BELLO, 2003, p.14 apud PERETTI, 2019, p.38).

De acordo com Peretti, a mãe de Stein foi decisiva na sua personalidade:

A mãe imprime na filha energias e hábitos que a ajudarão a se preservar da unilateralidade: “nunca sofremos fome, mas fomos habituados a uma grande simplicidade e parcimônia e, ainda hoje, conservamos parte disso tudo”. Augusta Courant é educadora, pessoa afável, que provê o necessário para os filhos e busca compreendê-los e aceitá-los assim como são; capaz de torná-los autônomos sem predeterminar suas escolhas: “ninguém te ordenou de fazer alguma coisa e não existe ninguém que possa fazê-lo; faça aquilo que achar melhor” disse para Edith quando expressou o desejo de estudar filosofia. Atitude essa que mostra o cuidado de uma mãe para com a vida familiar, a força de uma educação disciplinada e de uma vivência de justiça que a torna livre e aberta a decisão da filha (PERETTI, 2019, p.40).

A mulher sai do âmbito restrito doméstico e se insere em situações que até então lhes eram desconhecidas. Como que lançadas em um rio caudaloso, diante da corrente se tem que nadar: “Mas quando as forças ameaçam fraquejar, procura-se alcançar a margem segura, pelo menos para tomar fôlego” (STEIN, 1999, p.106). É o momento de refletir se continuamos ou não a nadar e como fazer para não se afundar. É necessário voltar para dentro de si e entender que o ser, não é um ser pronto, mas em construção, um vir-a-ser. Não estamos presos em nós mesmo, mas antes se faz necessário propagar-se, contudo, todo o nosso ser como o vir-a-ser e a atuação no tempo é preparado desde a eternidade e a ela está ligada.

Stein se pergunta: qual a formação que aspira a alma da mulher? A que atividade a mulher é chamada segundo a sua natureza? Não cabe aqui pensar apenas em meros dados estatísticos, mas sim descobrir quais são as profissões verdadeiramente feminina.

Precisamos ater-nos em primeiro lugar àquilo que a natureza e a vocação da mulher nos ensinam sobre as exigências que se deve fazer a uma atuação genuinamente feminina; depois, devemos consultar também a experiência dos exemplos concretos de que dispomos. Finalmente, esclareceremos qual é maneira em que a índole feminina pode agir de modo adequado no casamento, na vida religiosa e nas profissões em geral (STEIN, 1999, p.133).

Na concepção da autora é missão da mulher conduzir a humanidade ao seu desenvolvimento puro e perfeito, independente do papel que a mesma exerça. No entanto, requer-se da mulher uma atitude de desprendimento, a sua missão deve se realizar sem nenhum interesse. O outro não é seu, nem tampouco um meio para alcançar certos objetivos, mas sim um bem que lhe foi confiado, enxergando-o como criação de Deus, portanto, sua missão não é qualquer uma, mas sim uma missão santa. A mulher na sua perspectiva possui uma missão sobrenatural: “cabe-lhe acender ou avivar no coração do marido e dos filhos a centelha do amor de Deus” (STEIN, 1999, p.131). A mulher só é capaz de cumprir essa missão à medida que conhece e se prepara como instrumento de Deus.

O movimento feminista católico

Uma nova perspectiva sobre o pensamento feminino surge por meio de uma diversidade antropológica que não se limita ao caráter físico, mas que se apresenta principalmente por meio do espiritual. Tendo em mente essa dimensão, o humano se apresenta como uma unidade psicofísica e espiritual (PERETTI, 2013). Contudo, não devemos encarar o humano como um ser bipartido, em que as partes constitutivas não conversam ou não formam um todo, somos um ser complexo e integral.

De acordo com Peretti:

O pensamento feminino, nas suas máximas expressões, tem sua origem no final do século XIX e início do século XX, quando se discutem questões relacionadas à mulher e ao seu comportamento, seja na literatura como em quaisquer segmentos sociais. Trata-se de um “pensamento pensado por mulheres” que fazem do ser mulher o ponto de partida de sua experiência prática e teórica. É uma reflexão que se orienta para a produção intelectual de mulheres centralizadas em questões ontológico-metafísicas (PERETTI, 2013, p.28).

De acordo com Stein (1999), nas primeiras décadas, o movimento feminista não possuía relação alguma com a religião, que dirá católica. Com a Reforma Protestante muitos mosteiros foram fechados e o ideal da virgindade fora abolido. Foi justamente a reforma que restringiu a atuação da mulher ao âmbito da família e da casa, tendo o seu valor apenas por meio do casamento e da maternidade. As mulheres que até então eram responsáveis pela educação, foram limitadas de uma gama de atividades, retirando-as das instituições educacionais.

A Igreja representa o Reino de Deus nesse mundo e desta forma necessita ter em mente as transformações que ocorrem no plano terreno; “ela só poderá levar a verdade e a vida eternas para dentro da esfera temporal na medida em que aceita cada época como ela é tratando-a de acordo com suas peculiaridades” (STEIN, 1999, p.181). Apesar de não citar o Concílio Vaticano II, podemos trazê-lo a essa discussão. O encontro ecumênico representou o alvorecer da Igreja perante as mudanças do novo tempo, ao decorrer dos anos e principalmente com o novo papado de Francisco, percebe-se uma maior importância aos grupos minoritários que até então eram excluídos ou esquecidos pelas altas esferas eclesiásias, assim ocorre com a mulher.

Stein nos apresenta o feminismo na concepção de Helene Lange:

[...] Enquanto as feministas radicais baseavam essas exigências na igualdade da natureza e do direito, orientava-se Helene Lange na idéia de que a reforma era necessária justamente por causa da desigualdade dos sexos: a natureza feminina, livremente desenvolvida e provida de uma formação adequada, seria capaz de mostrar a sua própria contribuição à cultura, uma contribuição exigida por nosso tempo, uma vez que teria condições de contrabalançar os danos evidentes, causados pela cultura ocidental *masculina* por meio de uma verdadeira formação humana e de uma atuação assistencial de amor. Esse era o objetivo visado pela Associação Geral de Professoras, fundada por ela e por suas correligionárias (em 1890, em Friedrichroda); os meios para conseguir esse objetivo eram: participação maior das mulheres na formação de meninas e moças, segundo o princípio de que a verdadeira mulher só pode ser formada por mulheres, e a devida preparação científica que lhes desse condições de ensinar também nas séries intermediárias e superiores e de assumir a direção das escolas (STEIN, 1999, p.178).

Existem semelhanças entre o movimento feminista católico e o não católico, que deve a esse último algumas contribuições, haja vista que foi o pioneiro em alguns campos, como no econômico, oportunidades de emprego e formação, além do político, jurídico e social. Apesar das contribuições e similaridades é inegável que o movimento feminista surge num campo distinto do católico, “o do idealismo alemão, do liberalismo ideológico e político” (STEIN, 1999, p.183). O movimento feminista católico deve se fundamentar em alicerces próprios, levando a cabo a fé e a visão católica de mundo, a partir do alicerce certo o edifício se constrói gradativamente e de forma segura.

De acordo com a autora todos conhecemos mulheres por nossa própria experiência e daí intuímos que sabemos o que seja uma mulher. No entanto é errôneo creditar uma imagem geral da mulher, haja vista que não devemos nos esquecer que cada experiência possui sua individualidade (STEIN, 1999). O movimento feminista em sua gênese possui como pretensão fundamental a equidade de direitos entre o homem e a mulher, é necessário ter em mente que com o seu desenvolvimento houve por parte de certas mulheres um radicalismo exacerbado, ao ponto de se criar um ódio perante a figura masculina. No entanto, devemos levar em consideração a premissa de que é mesquinho condenar o movimento a partir de uma seleta minoria, é ilógico como se sabe condenar o todo pela parte. O feminismo defendido por Stein não elimina as diferenças entre o homem e a mulher, mas a trata como uma possibilidade de diálogo e complementariedade.

A mulher, a Igreja e Maria

Maria é figura central no catolicismo, são quatro dogmas referentes a ela, o primeiro Theotókos (Maria é mãe de Deus), o segundo a virgindade perpétua de Maria, ela permaneceu virgem antes, durante e após o parto, bem como por toda a sua vida, o terceiro a Imaculada Conceição, pelos méritos de Cristo, Maria foi preservada do pecado original para que assim Jesus pudesse encarnar no seu ventre e o último e o mais recente é a Assunção de Maria aos céus, definido por meio da Constituição Apostólica do Papa Pio XII *Munificentissimus Deus*³.

É nítido nos evangelhos a atenção especial que Cristo reserva as mulheres, principalmente pela condição de marginalização que sofriam, elas participaram ativamente do ministério de Jesus. A atitude de Cristo se difere da que era tomada pelos rabinos judaicos, que eram proibidos de terem mulheres como suas seguidoras, o movimento empreendido por Jesus inicia um pensamento revolucionário e subversivo ao encarrarmos como alguém que vai na contramão do sistema. As mulheres deixam se ser meras espectadoras e passam a atuar de forma intensiva no trabalho e na propagação do reino (LEMOS e GOMES, 2023).

³ Para mais informações sobre os dogmas e seu contexto de definição recomenda-se o artigo *O contexto histórico da definição dos dogmas marianos de Maria* Angélica Franco Moreira, presente na revista TQ (Teologia em Questão). Edição: n. 32 (2017): Teologia dos ministérios, Seção: Questões de Teologia.

A formação religiosa necessita ter como meta a integração dos jovens ao *corpus Christi mysticum* que é a própria Igreja, “Ele colocou tudo debaixo dos pés de Cristo e o constituiu acima de tudo, como Cabeça da igreja, que é o seu Corpo, a plenitude daquele que completa tudo em todas as coisas” (Ef. 1,22-23). Todos os contemplados com a redenção se tornam por afiliação *filhos da Igreja*, não havendo distinção entre homens e mulheres. A Igreja é a comunidade de fiéis, quem crê em Cristo necessita unir-se àqueles que pertencem a Ele. A Igreja é o corpo místico de Cristo, este corpo é vivo, dinâmico, movido pelo Espírito de Cristo, da cabeça erradia para o corpo e seus membros, no entanto, esse espírito que emana de Cristo é o Espírito Santo, logo a Igreja se converte e, templo deste mesmo Espírito (STEIN, 1999).

Apesar da unidade real e orgânica entre a cabeça e o corpo, a Igreja se coloca como pessoa autônoma ao lado de Cristo. Como Filho do Pai Eterno, Cristo viveu antes de todos os tempos e antes da existência humana. Por meio da criação, a humanidade começou a viver antes de Cristo assumir sua natureza e se encarnar nela. Pela encarnação levou para dentro dela sua vida divina. Tornando-a, pela obra da redenção, capaz de receber a graça e derramando sobre ela a sua graça, ele a gerou de novo. A Igreja é a humanidade gerada de novo e redimida por Cristo. A célula-mãe dessa humanidade redimida é Maria, na qual se processou primeiro a purificação e santificação por Cristo e a plenitude pelo Espírito Santo (STEIN, 1999, p.263).

De acordo com Stein, a Igreja é a representação do reino de Deus no mundo, desta forma, é necessário compreender as transformações de tudo aquilo que se refere à esfera terrena. Ela só é capaz de transmitir a verdade e a vida eterna na dimensão referente ao tempo, à proporção que se insere e aceita cada época como essa é, por meio de uma perspectiva que observe e maneje de acordo com as peculiaridades que se apresenta (Stein, 1999). Portanto, a Igreja deve se inserir no mundo e transmitir a verdade e a eternidade salvadora que não é ela, mas aquela da qual surgiu.

Toda alma purificada pelo batismo e elevada ao estado de graça é gerada por Cristo e nasce para Cristo. Mas ela é gerada na Igreja e seu nascimento se dá pela Igreja. É pelos órgãos na Igreja que cada novo membro é formado e plenificado de vida divina. Assim, a Igreja é a mãe de todos os redimidos, em função de sua união íntima com Cristo. Como *sponsa Christi* está a seu lado realizando com Ele a obra da salvação (STEIN, 1999, p.263).

A mulher é membro essencial à maternidade sobrenatural da Igreja, primeiramente em função da maternidade natural (física), por meio dela novos membros são gestados e a humanidade se multiplique, no entanto, a maternidade sobrenatural da mulher não se resume apenas essa dimensão. Ela é convidada a colaborar na promoção da graça na vida dos filhos, sendo instrumental da maternidade divina ao mesmo tempo que também participa desta (STEIN, 1999). Todo cristão é convidado a despertar e promover a vida da fé nas almas, cumprindo assim o mandato de Cristo, referido anteriormente no texto.

Maria assume um papel central na vida da Igreja, é chamada frequentemente como o coração da Igreja, possui uma relação especial com Cristo, a relação com a mãe é mais profunda que a relação entre irmãos. Na mesma obra, Stein afirma que Maria é nossa mãe, e não de maneira figurada, é nossa mãe no sentido mais literal possível, ultrapassando a dimensão terrena. “Ela nos deu à luz, segundo a vida da graça abandonando todo o seu ser, corpo e alma, à maternidade divina” (STEIN, 1999, p.265). Há uma ligação profunda entre Maria e nós, como mãe, conhecemos profundamente, seu desejo é nos conduzir cada vez mais a uma relação íntima com Deus, essa relação se aplica a todos, mas de modo especial as mulheres. A maternidade de Maria só se torna plena a partir do momento em que confiamos nela, a mulher que queira cumprir a sua vocação de mulher, necessita ter Maria não apenas como modelo, mas confiar sua vida a orientação da mãe, ela lhes formará.

A mulher é convidada a levar a juventude, de forma especial a feminina ao seio da Igreja. O primeiro passo é conduzir a filiação divina, o passo essencial é a realização do batismo, por meio do qual somos inseridos no corpo místico que é a Igreja e nos unindo também a Cristo que é a cabeça desse corpo. No batismo uma *chama* é depositada no coração, assim a graça de Deus necessita de cuidado para sua manutenção e desenvolvimento, é função especialmente da mãe proteger essa chama de qualquer sopro que possa apagá-la. “Ela pode ser apagada pela falta de fé e pelo pecado, o que na criança só se torna possível após o despertar da razão e da liberdade” (STEIN, 1999, p.266).

Não se observa a maternidade apenas no seu sentido natural, tal análise conduz ao erro, haja vista que outra dimensão de análise se faz fundamental, a sobrenatural. A maternidade sobrenatural é possível sem a natural, a autora considera de suma importância a compreensão e o aprofundamento da maternidade virginal da Mãe de Deus e do apoio maternal de Maria como nossa mãe para as mulheres que se preparam para esta missão. Assim como a importância dos dogmas na formação religiosa e no culto a Maria, a prestação de serviço a juventude feminina faz com que nasça a esperança de uma nova geração de mães capazes de cuidarem dos filhos em vez de abandoná-los (STEIN, 1999).

Conclusões

É evidente a influência que o seio familiar exerce na visão da mulher que possui Edith Stein, sua mãe marcou profundamente sua vida, tanto naquilo que tange ao campo da fé como na concepção de mulher que se projeta a frente de sua realidade. Auguste assume os negócios da família, se hoje tal situação não é vista com plena normalidade, quem dirá nos tempos de Stein. A discrepância se dá também no campo da academia, a autora sentiu na pele as dificuldades de adentrar ao campo acadêmico.

Na concepção da autora, existe sim, uma igualdade entre o homem e a mulher, mesmo na diferença, contudo essa não significa uma superioridade de um sobre o outro⁴. Cada um é chamado a cumprir a sua vocação de forma plena, a igualdade não pressupõe a eliminação da singularidade de cada um, mas um respeito e colaboração mútua. Stein, é uma dessas grandes mulheres que transcendem o seu tempo, é perceptível a influência da religião na sua visão acerca da mulher. Logo, que traz Maria não apenas como mãe, mas também como mestra à medida que nos conduz a Cristo, toda mulher deve tê-la como mãe e modelo.

É de conhecimento comum que a figura de Eva muitas vezes foi utilizada como forma de menosprezar as mulheres, no entanto, em Maria a salvação chega à humanidade, se encarna e toma forma. É por meio de uma mulher que Deus adentra ao mundo e realiza plenamente o plano da salvação. A Igreja como comunidade dos fiéis necessita ter em mente a superação das barreiras ideológicas que impedem o pleno cumprimento do respeito e da valorização dos marginalizados. É evidente que a mulher vem ganhando espaço, seja no ambiente público ou no religioso, entretanto, como dito no início dessa produção, o medo não pode nos impedir de avançar nas águas profundas ou recuar a margem, o barco já está lançado, não cabe a nós o abandonar, mas antes firmar a esperança e a coragem na luta que se aproxima. O conhecimento e, portanto, a própria academia como palco da reflexão e do livre pensamento, necessita lembrar-se constantemente da sua missão de sempre estar de portas abertas a quem queira entrar e buscar o *logos*, as portas que circundam o conhecimento superior devem eliminar de seus frontões a diferença de sexo e antes e preocupar com a equidade dos direitos e o respeito ao humano.

Referências

⁴ A quem deseja se aprofundar no tema, recomenda-se além da obra *A mulher* de Edith Stein, o artigo *L'antropologia duale come imago Dei* (2018) de Angela Ales Bello. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6874>.

ALES BELLO, Angela. Edith Stein: a paixão pela verdade. / Angela Ales Bello./ Curitiba: Juruá, 2014.

LEMOS, Carolina Teles; GOMES, Ruan Filipe da Silva. A Mulher e sua Importância para a Igreja Primitiva. REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões, Goiás, nº 1, 2023.

PARISE, Maria Cecília Isatto. O que o feminismo católico de Edith Stein pode ensinar as mulheres? Edith Stein: Estudos integrados da pessoa humana. 23 de Março de 2024. Disponível em:<https://edithstein.com.br/publicacoes/sobre-edith-stein/o-que-o-feminismo-catolico-de-edith-stein-pode-ensinar-as-mulheres/>. Acesso em 12 de Setembro de 2024.

PERETTI, C. Perspectivas fenomenológicas e teológicas das questões de gênero em Edith Stein. Kairós, Fortaleza, v. 8, n. 2, 2011. Disponível em: <https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/177>. Acesso em: 24 jan. 2025.

PERETTI, Clélia. A mulher no contexto histórico contemporâneo de Edith Stein. Revista Relegens Thréskeia, [S. I.], v. 2, n. 2, p. 26–47, 2013. DOI: 10.5380/rt.v2i2.35567. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/35567>. Acesso em: 22 jan. 2025.

PERETTI, Clélia. Nas trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica. 1 ed. Curitiba: Appris, 2019.

STEIN, Edith. A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução de Alfred J. Keller. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

STEIN, Edith. EDITH STEIN: Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos.1.ed. Tradução de Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kircher; revisão técnica de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018. Coleção Obras de Edith Stein.
